

5 Conclusão

José Saramago, no romance **A Jangada de Pedra**, imagina uma viagem mágica a partir da idéia do desprendimento da Península Ibérica, que se origina com a abertura de uma fenda nos Pirenéus, lançando ao mar dois países historicamente marginalizados pela Europa. É nesta barca de pedra que se tece a trama do romance entre as cinco personagens e mais um cão (que também pode ser considerado como tal) numa errância que possibilita o seu autoconhecimento.

De início, a fenda que corta os Pirenéus de alto a baixo aponta para tensões apocalípticas, porém, logo no final do primeiro capítulo, a imagem da separação da Península já se aproxima a de uma cosmogonia. Há uma valorização do iberismo, como revelado pela metáfora da romã, pois os Pirenéus eram “uma cordilheira que se abria como uma romã” (AJP, p.33), e o seu amadurecimento caracteriza a fecundidade da cultura peninsular, imagem que contrasta com a esterilidade do velho continente. Além disso, o deslocamento da Península afirma sua independência diante da Europa.

Nesta viagem, buscamos apreender algumas das reflexões suscitadas pelo narrador em suas digressões, e muitas delas abordadas nos diálogos ou pensamentos das personagens. Os ensaios sobre o fantástico em narrativas literárias respaldam nossa análise, pois a “Jangada” não permite que dela o leitor faça uma simples decodificação, mas apresenta o insólito, além de enigmas e incertezas: “[...] a ruptura dos Pirenéus não se explica por causas naturais, ou então estaríamos mergulhados numa catástrofe planetária” (AJP, p. 53).

De acordo com o curso desta inédita navegação, da terra viajante e das personagens dotadas de poderes extraordinários, identificamos os enigmas a serem desvendados: uma pedra atirada ao mar, um risco no chão, um homem seguido por pássaros, o desenrolar de um fio azul, um homem que sente a terra tremer sob seus pés.

A personagem Joana Carda, ao riscar o chão com uma vara de negrilho cujo traço jamais se desfaz, acaba por deflagrar um duplo rompimento: a fenda nos Pireneus e a separação conjugal da própria personagem. Segundo o narrador, “maior prodígio foi e continua a ser o de Joana Carda” (AJP, p.178), o que confirma o que vimos acentuando: a revelação da escrita do autor pelo gesto performático.

José Anaiço aparece na narrativa caminhando solitário numa planície, “e por cima dele, voando com inaudito estrépito, acompanhava-o um bando de estorninhos” (AJP, p.16). Os pássaros seguem a personagem até que encontre o amor, este outro “vôo” alçado com a mulher amada, Joana Carda.

Numa praia do norte de Portugal, Joaquim Sassa lança uma pedra ao mar com tanta força que a faz saltar sobre a água, no instante em que Joana Carda risca o chão com a vara de negrilho. Lembramos a relevante significação do nome de Joaquim Sassa: a análise etimológica de seu sobrenome nos leva a *pedra*, ficando, por isso, a personagem mais ligada à idéia da força, indo além dos limites do homem e desafiando as leis da física e a de Deus.

Pedro Orce é andaluz, o mais velho dos itinerantes: é o homem que sente o tremor da terra, enigma que marca a sua sensibilidade e a sua íntima ligação à terra. Na caminhada, Pedro Orce mantém com o cão uma relação de afeto e, só com ele, compartilha a estranha sensibilidade. O narrador acentua a relação entre a ação de Joaquim Sassa e a sensação de Pedro Orce, o que reafirma a interligação dos fenômenos, porque, ao lançar Joaquim Sassa uma pedra ao mar, Pedro Orce se levanta da cadeira. Pedro Orce é uma personagem que se destaca pela sua eloquência, sabedoria e sensibilidade, chamando-nos a atenção por suas qualidades e também por seu destino, diferente do das outras quatro personagens. A sua morte “coincide” com a interrupção do tremor da terra, seu destino é regenerar, como o fez a vara de negrilho que “está verde, talvez floresça no ano que vem” (AJP, p.330).

Maria Guavaira vive na Galiza. No sótão de sua casa encontra um pé-de-meia velho que era utilizado para guardar dinheiro, mas, ao vê-lo vazio, começa a desenredá-lo. Desfia-o durante horas porque é um fio mágico, interminável. Comparamos Maria Guavaira a uma fiandeira, por tecer, com o fio azul, uma atadura para seu amado Joaquim Sassa, e pulseiras para os outros companheiros, todos caminhantes sensíveis.

O cão agrupa os heróis itinerantes, carregando o fio de lã azul de Maria Guavaira, que se transforma ao final da narrativa em atadura para os amantes. Todas as cinco personagens aqui reunidas são guiadas pelo cão e conduzidas numa grande carroça por dois cavalos que surgem em substituição ao automóvel Dois Cavalos, de Joaquim Sassa.

Na epopéia de Saramago, o futuro se revela como uma construção do presente, partindo das expectativas e sonhos das personagens do romance. Na criação deste espaço utópico, constatamos que há uma aposta no homem como arquiteto de um novo mundo, que depende de seu desejo de transformação, da revisão de valores instituídos e do reconhecimento do outro.